

### REFLEXÕES SOBRE A PATOLOGIZAÇÃO NA ADOLESCÊNCIA E A MISOGINIA ATRAVÉS DE UMA ANÁLISE DA OBRA CINEMATOGRAFICA “ADOLESCÊNCIA”

Ádina Miréia de Sousa Costa<sup>1</sup>  
Leticia Costa de Assis<sup>2</sup>  
Maria Elizângela de Sousa Lima<sup>3</sup>  
Vida Lorhana Bezerra Monteiro<sup>4</sup>  
Francisco Matheus de Oliveira Cavalcante<sup>5</sup>  
Erik Dênio Gomes de Oliveira Filho<sup>6</sup>

#### RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a obra cinematográfica *Adolescência*, da Netflix, sob a perspectiva da Psicologia do Desenvolvimento, com foco na associação entre misoginia e patologização de comportamentos na adolescência. A adolescência é compreendida como uma fase de intensas mudanças, sendo marcada por crises identitárias e instabilidade afetiva. A análise da série evidencia como a construção da masculinidade hegemônica, reforçada por normas culturais, contribui para a reprodução da misoginia e a legitimação da violência de gênero. Além disso, discute-se como diagnósticos excessivos de condutas adolescentes podem desviar o olhar das causas estruturais da violência e retirar a responsabilidade dos agressores. Ao relacionar esses elementos com a Psicologia do Desenvolvimento, o trabalho propõe uma reflexão crítica sobre a naturalização dos discursos patologizantes e a relação desses comportamentos agressivos com questões culturais, os quais prejudicam na construção da formação saudável e ética dos jovens em estágio peculiar de desenvolvimento. A análise ressalta o potencial da obra como ferramenta de debate sobre os desafios enfrentados pelos adolescentes na atualidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Adolescência; Misoginia; Patologização; Psicologia do Desenvolvimento.

---

<sup>1</sup>FACULDADE VIDAL: e-mail: [adinasilva864@gmail.com](mailto:adinasilva864@gmail.com)

<sup>2</sup>FACULDADE VIDAL: e-mail: [leticia.deassis.costa@gmail.com](mailto:leticia.deassis.costa@gmail.com)

<sup>3</sup>FACULDADE VIDAL: e-mail: [elizangelamsl@gmail.com](mailto:elizangelamsl@gmail.com)

<sup>4</sup>FACULDADE VIDAL: e-mail: [lorhanavida@gmail.com](mailto:lorhanavida@gmail.com)

<sup>5</sup>FACULDADE VIDAL: e-mail: [franciscomatheus@favili.com.br](mailto:franciscomatheus@favili.com.br)

<sup>6</sup>FACULDADE VIDAL: e-mail: [erikd.oliver@gmail.com](mailto:erikd.oliver@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

A adolescência é considerada uma etapa crucial do desenvolvimento humano. De acordo com Knobel (*apud* Aberastury; Knobel, 1992), é na adolescência que surgem crises intensas, caracterizadas por instabilidade afetiva, labilidade emocional, comportamentos impulsivos e sentimentos de angústia.

Essas mudanças geram questionamentos internos e externos que afetam não apenas o adolescente, mas também os contextos nos quais ele está inserido, como a escola e a família. Quando tais demandas não são compreendidas ou devidamente manejadas, podem resultar em transtornos psicológicos e em comportamentos discriminatórios e violentos. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a adolescência compreende a faixa etária dos 10 aos 19 anos, sendo caracterizada não apenas pela idade, mas por diversos aspectos do desenvolvimento (INEE, 2025). Logo, pode-se entender como uma fase do desenvolvimento durante a qual os indivíduos passam por crescimento acelerado, experimentam mudanças hormonais e desenvolvem suas identidades pessoais e sociais (WHO, 2024).

Nesse contexto, destaca-se a misoginia como uma forma de violência de gênero que afeta as mulheres de maneira histórica e estrutural. Na adolescência, é comum que o gênero masculino seja socializado em comportamentos misóginos, muitas vezes legitimados por normas culturais (Bezerra, 2024). Esses comportamentos, por vezes, são patologizados por meio de diagnósticos psiquiátricos que desconsideram fatores socioculturais, contribuindo para a naturalização da violência e a exclusão da responsabilidade ética e social do agressor.

A obra cinematográfica *Adolescência*, da Netflix, retrata de forma contundente as consequências do esfaqueamento de uma adolescente por um colega de 13 anos. A narrativa evidencia como a construção da masculinidade tóxica pode culminar em manifestações extremas de violência, apresentando uma crítica às formas como a sociedade educa os meninos e silencia as violências sofridas por meninas.

A patologização da vida consiste na tendência de classificar como distúrbio ou doença aspectos naturais da existência humana. O aumento de diagnósticos imprecisos e a desumanização de práticas profissionais têm contribuído para a banalização dos transtornos mentais e para a exculpação de condutas moralmente condenáveis, utilizando laudos como justificativa para atos de ódio.

A Psicologia do Desenvolvimento, enquanto área do conhecimento psicológico, tem como objetivo compreender os processos de mudança ao longo do ciclo vital humano, considerando as interações entre fatores biológicos, sociais e culturais. Trata-se de um campo interdisciplinar que dialoga com a antropologia, a sociologia, a neurociência, a filosofia e a

medicina, ampliando as possibilidades de análise dos fenômenos psíquicos. Essa abordagem busca identificar fatores que favorecem ou dificultam o desenvolvimento humano, propondo intervenções que promovam saúde mental e bem-estar.

Desse modo, os aportes dessa área tornam-se essenciais para a reflexão crítica sobre a adolescência, especialmente diante de questões como misoginia e patologização. O presente trabalho utiliza esse referencial teórico para problematizar, em um plano mais amplo, o uso excessivo de diagnósticos patologizantes em contextos sociais e institucionais, o que pode contribuir para a desresponsabilização de condutas violentas ao atribuí-las exclusivamente a fatores individuais, como distúrbios psíquicos, obscurecendo os aspectos éticos e sociais que envolvem tais comportamentos. Ressalta-se, contudo, que a obra analisada não adota a perspectiva da patologização diretamente do personagem agressor dentro dessa lógica.

Este trabalho tem como objetivo analisar a obra cinematográfica *Adolescência*, da Netflix, sob a ótica da Psicologia do Desenvolvimento, com ênfase nos aspectos emocionais e sociais que marcam esse período da vida. Para isso, propõe-se: relacionar os eventos retratados na narrativa com teorias e estudos da Psicologia do Desenvolvimento; examinar a representação da misoginia na série; e investigar de que forma a obra contribui para a compreensão psicológica e social da adolescência.

A pesquisa tem como foco principal a análise da misoginia dentro da série e da patologização de comportamentos no mundo real, buscando compreender como tais temáticas são articuladas na trama e quais implicações apresentam para a percepção social dos desafios enfrentados pelos adolescentes. Por fim, pretende-se verificar se a obra promove uma reflexão crítica sobre essas questões ou se reproduz estereótipos e concepções equivocadas acerca da saúde mental na adolescência. Embora a série não traga uma tentativa de diagnosticar o comportamento do adolescente, seus atos agressivos se encaixam perfeitamente em situações misóginas do mundo real.

## **METODOLOGIA**

O presente estudo adota uma abordagem qualitativa, de carácter exploratório, fundamentada em uma revisão de literatura, com análise baseada na obra em questão, destacando a forma como esse adolescente é construído a partir das influências da sociedade.

A coleta de dados foi realizada por meio da pesquisa bibliográfica em bases acadêmicas como Scielo, Google Scholar e Portal do Ministério da Saúde. Alguns exemplos da busca são: “patologização AND adolescência”, “adolescência AND misoginia”. A temporalidade dos

documentos se concentra entre os anos de 2021 e 2025, buscando limitar a busca por pesquisas dentro dos últimos cinco anos, para obter resultados recentes e sólidos sobre essa temática.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A série *Adolescência*, da Netflix, permite uma reflexão aprofundada sobre os impactos das construções sociais de gênero e das práticas de patologização durante o desenvolvimento adolescente. Ao abordar a violência cometida por um adolescente, chamado Jamie, contra uma colega de escola, Katie, a obra revela como os modelos de masculinidade tóxica podem ser reproduzidos desde cedo, sendo reforçados por uma socialização marcada por valores misóginos.

A Masculinidade pode ser compreendida como um conjunto de atributos e funções que se esperam dos homens e que servem de orientação para a construção de sua identidade. Esses constructos são incorporados no modo de ser masculino mediante as experiências acumuladas ao longo de sua história, principalmente por meio das relações sociais. Ao longo da história, a masculinidade tem sido frequentemente associada à ideia de superioridade em relação ao gênero feminino, legitimando o poder masculino para impor seus desejos, controlar os corpos e a liberdade das mulheres e desrespeitar suas vontades. Essa lógica é naturalizada nas estruturas sociais e reforçada desde cedo na socialização dos meninos. (Silva *et al.*, 2021)

Na série, esse modelo de masculinidade é expressado no comportamento do protagonista Jamie que é o retrato de um jovem socializado em uma cultura que valoriza o controle das vontades femininas, a frieza emocional, o desprezo pelo feminino e o sentimento de superioridade.

Ao analisar aspectos importantes da série, observa-se, logo no episódio 1, durante a primeira exposição de fatos sobre o assassinato de Katie Leonard, o inspetor Luke Bascombe revela as redes sociais de Jamie Miller, destacando suas preferências de consumo de conteúdo. Nota-se que, em sua maioria, Jamie acessava perfis de mulheres frequentemente vestidas com roupas íntimas, como lingerie. Essa exposição é acompanhada por uma sequência de comentários insinuativos e agressivos que levantam questões sobre o comportamento online do adolescente.

No episódio seguinte, é introduzido o uso do termo *incel*, bem como a explicação de emojis utilizados para identificar esse grupo. Como apontam Lima-Santos e Santos (2023) o termo, derivado do inglês *involuntary celibates* (celibatários involuntários), refere-se a homens que se sentem rejeitados por mulheres e acabam assumindo posturas misóginas e atitudes hostis

contra elas, utilizando principalmente as comunidades on-line para disseminar seu ódio generalizado, com muito mais ênfase do que acontecia no mundo off-line.

A série também revela como essa cultura afeta a percepção de si e das relações. Em uma sessão de psicoterapia (episódio 3), Jamie admite se sentir feio e incapaz de atrair o interesse feminino, expressando uma visão de masculinidade baseada na frustração e na rejeição. Essa autoimagem distorcida, reforçada pelo bullying que sofre nas redes sociais, se aproxima da narrativa *incel*, na qual os homens culpam as mulheres por sua solidão afetiva e sexual. Quando Jamie tenta se aproximar de Katie em um momento de vulnerabilidade dela, após a exposição de fotos íntimas, sua atitude é rejeitada, o que intensifica seu sentimento de inadequação, rejeição e ódio.

A obra *Adolescência* contribui, assim, como ferramenta de análise, para a compreensão crítica das dinâmicas de gênero e das práticas sociais que influenciam o comportamento dos adolescentes. A representação da misoginia, articulada à construção da identidade masculina, e a patologização de ações, que muitas vezes desresponsabilizam os agressores e silenciam as vítimas, evidenciam uma necessidade urgente de repensar as formas de educar, acolher e responsabilizar os adolescentes dentro de uma lógica humanizada.

## CONCLUSÃO

Pode-se concluir que na análise da produção cinematográfica *Adolescência*, da Netflix, sob a ótica da Psicologia do Desenvolvimento, permite compreender como construções sociais de gênero e práticas de patologização influenciam o comportamento adolescente. Evidenciou-se, por meio dessa perspectiva, que ações violentas cometidas por adolescentes não devem ser reduzidas a explicações clínicas ou biológicas, mas inseridas em contextos sociais mais amplos, que envolvem a construção da masculinidade hegemônica e a naturalização da misoginia.

A série apresenta-se como um recurso expressivo para (re)pensar os desafios enfrentados pelos adolescentes, especialmente os meninos, que são muitas vezes socializados em modelos de masculinidade pautados pelo silenciamento emocional e pela validação da violência, mas não somente esses sujeitos, como, também, seus familiares.

Conforme discutido, é possível concluir que a patologização de comportamentos na adolescência pode desviar a atenção das causas estruturais da violência de gênero, retirando a responsabilização dos agressores e minimizando as experiências das vítimas. Isso ocorre porque, quando atribuído um “diagnóstico” ao agressor, ele tende a ser utilizado como uma espécie de escudo que encobre as verdadeiras raízes do problema. Ao apresentar esses elementos, a discussão sobre essa obra e a implementação da perspectiva da Psicologia do

Desenvolvimento, contribui para ampliar o debate sobre saúde mental, responsabilidade social e ética na formação dos jovens, para que, assim, os cidadãos possam ter um olhar crítico e comportamentos ativos que superem a visão mascarada sobre um problema estrutural e estruturante enquanto um mero diagnóstico.

Sendo assim, é possível afirmar que a contribuição deste trabalho vai além da análise de uma obra audiovisual, pois propõe um novo olhar sobre a adolescência e patologização, o que é de suma importância atualmente, visto que há um grande aumento e naturalização dos discursos de ódio, que reforça masculinidades tóxicas e legítimas violências travestidas de crises pessoais. Embora centrado em uma única produção, o trabalho contribui para ampliar o debate sobre misoginia e patologização.

## REFERÊNCIAS

BEZERRA, C. V. da L. Gênero e violência na adolescência. **Observatório de la economía latinoamericana**, [S. l.], v. 22, n. 7, p. e5626, 2024. DOI: 10.55905/oelv22n7-047. Disponível em: <https://ojs.observatoriolatinoamericano.com/ojs/index.php/olel/article/view/5626>. Acesso em: 6 maio 2025.

INEE. **Adolescência** | INEE. [S. l.], [20-]. Disponível em: <https://inee.org/pt/eie-glossary/adolescencia>. Acesso em: 1 maio 2025.

TOMIO, Noeli Assunta Oro; FACCI, Marilda Gonçalves Dias. Adolescência: uma análise a partir da psicologia sócio-histórica. **Teoria e Prática da Educação**, Maringá, v. 12, n. 2, p. 91, jul./dez. 2009. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/TeorPratEduc/article/view/14059>. Acesso em: 1 maio 2025.

SILVA, A. F. da *et al.* Masculinidade apreendida na infância/adolescência de homens em processo criminal por violência conjugal. **Revista Baiana de Enfermagem**, Salvador, v. 35, 2021. DOI: 10.18471/rbe.v35.43184. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/43184>. Acesso em: 9 maio 2025.

WHO. World Health Organization. **Adolescent health**. Geneva: WHO, [20-]. Disponível em: [https://www.who.int/health-topics/adolescent-health#tab=tab\\_1](https://www.who.int/health-topics/adolescent-health#tab=tab_1). Acesso em: 1 maio 2025.

SÉRIE COMPLETA: **Adolescência** [Seriado]. Direção: Philip Barantini. Produção: Netflix. [Reino Unido]: Netflix, 2025. 4 episódios, son., color.